

## A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA NO MUNICÍPIO DE SANTANA – AMAPÁ POR ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Tayane Maria Ferreira Sillau<sup>1</sup>  
Eliane Aparecida Cabral da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa insere-se nos debates das práticas aplicadas ao ensino do componente curricular geografia e buscou compreender como estudantes da educação básica apreendem a paisagem do Igarapé da Fortaleza em Santana-Amapá. Traz como problema a seguinte indagação: como a paisagem do Igarapé da Fortaleza em Santana é percebida/apreendida pelos estudantes da educação básica? Como metodologia de ensino e investigação, para atingir o objetivo da pesquisa, utilizou-se a roda de conversa em virtude dela possibilitar a valorização da trajetória do estudante ao mesmo tempo que articula o saber empírico ao científico. A pesquisa mostrou que a paisagem do Igarapé da Fortaleza em Santana-Amapá é descrita/caracterizada pelos estudantes com elementos de uma paisagem que mescla o rural e o urbano. Em suas falas, os estudantes apresentaram tanto características que remetem a forte influência do meio rural, inclusive com a manutenção de formas e hábitos ribeirinhos, como também dinâmicas próprias de núcleos urbanos.

**Palavras-chave:** Paisagem Urbana Amazônica. Paisagem Ribeirinha Amazônica. Ensino de Geografia.

### RESUMEN

Esta investigación se inserta en el debate sobre las prácticas aplicadas a la enseñanza del currículo de Geografía y buscó comprender cómo los alumnos de enseñanza básica perciben el paisaje del Igarapé da Fortaleza en Santana, a partir de diálogos realizados en círculos de conversación. El problema planteaba la siguiente pregunta: "¿Cómo es percibido/aprehendido el paisaje del Igarapé da Fortaleza en Santana por los alumnos de enseñanza básica a partir de diálogos realizados en las clases de Geografía?". Como metodología de enseñanza e investigación, para alcanzar el objetivo de la investigación, se utilizó el círculo de conversación porque permite valorar la trayectoria del alumno y, al mismo tiempo, articular el conocimiento empírico y científico. La investigación mostró que el paisaje del Igarapé da Fortaleza en Santana es descrito/caracterizado por los alumnos con elementos de un paisaje que mezcla lo rural y lo urbano. En sus discursos, los alumnos presentaron tanto características que remiten a la fuerte influencia del medio rural, incluyendo el mantenimiento de formas y hábitos ribereños, como dinámicas típicas de los centros urbanos.

**Palabras clave:** Paisaje urbano amazónico. Paisaje ribereño amazónico. Enseñanza de la Geografía.

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia e Graduada em Licenciatura Plena e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, [tayanesillau@gmail.com](mailto:tayanesillau@gmail.com). Professora da rede estadual de ensino do Amapá.

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Mestre e Graduada em Licenciatura Plena e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Professora Adjunta III na Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, [lianecabral@unifap.br](mailto:lianecabral@unifap.br);

## INTRODUÇÃO

A Geografia como componente curricular tem por objetivo contribuir para que o estudante se localize e compreenda a sua localização no mundo. Trata das relações entre a sociedade e a natureza e da ordenação/espacialidade impostas às coisas pelos sujeitos a partir dessas relações. O conhecimento construído a partir da Geografia é importante para o cotidiano visto que a leitura de mundo é um elemento necessário de uma vida digna (CALLAI, 2010, p. 16). Nesse contexto, a paisagem apresenta-se como uma categoria de análise da geografia com importância em processos de desenvolvimento do conhecimento geográfico por ser um caminho para compreensão do mundo e suas dinâmicas a partir da leitura do espaço.

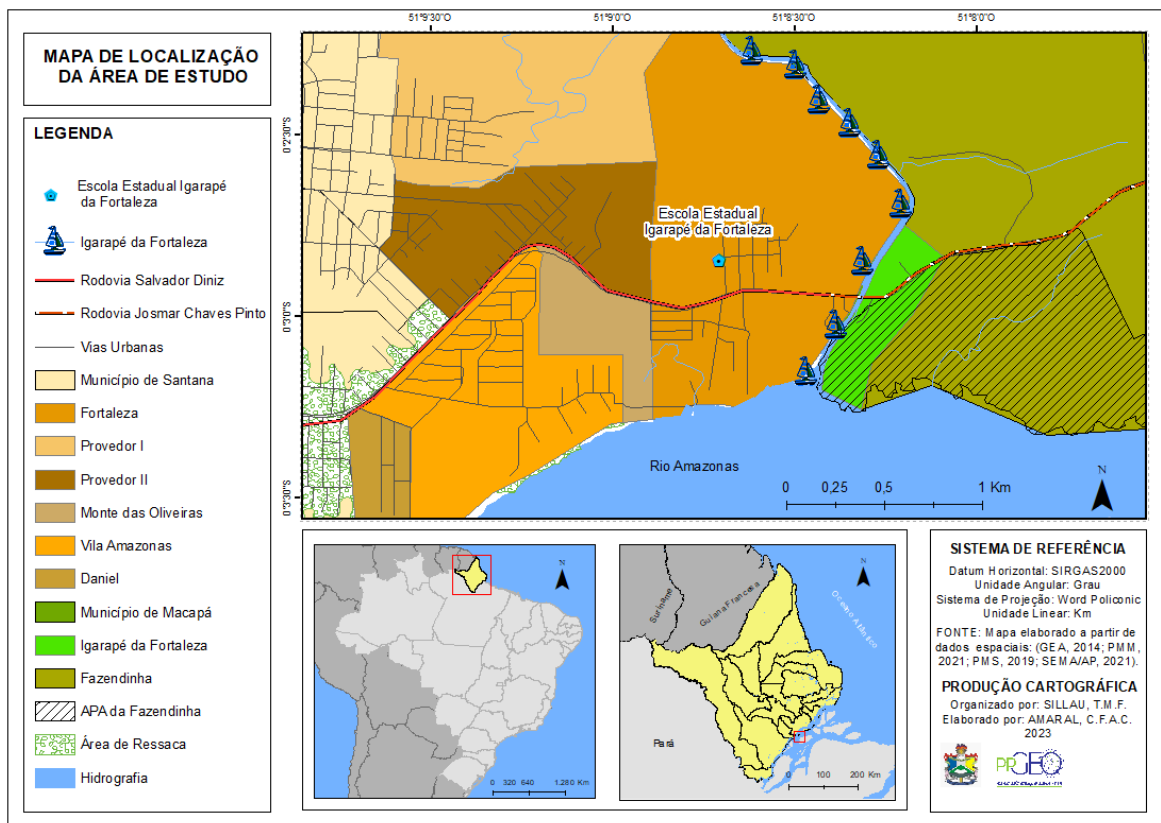
A presente pesquisa insere-se nos debates das práticas aplicadas ao ensino do componente curricular geografia e tem como objetivo compreender como estudantes da educação básica apreendem a paisagem do Igarapé da Fortaleza no município de Santana – Amapá. Traz como problema a seguinte indagação: como a paisagem do Igarapé da Fortaleza em Santana - Amapá é percebida/apreendida pelos estudantes da educação básica?

Os estudantes que participaram desta pesquisa estavam matriculados na 2ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza – Fortaleza, na cidade de Santana-AP, na faixa etária de 15 e 17 anos. A escolha pela 2ª série do Ensino Médio e por estudantes nessa faixa etária teve como motivação a discussão sobre paisagem presente no currículo de Geografia direcionados ao Ensino Médio. Levando em consideração que a turma selecionada estava cursando o Ensino Médio, ainda com o currículo, carga horária e livro didático, sistematizados e produzidos antes da reforma do Ensino Médio, e que as discussões sobre paisagem se concentravam principalmente na 1ª série do Ensino Médio, a escolha da 2ª série foi para que independente do mês de realização da pesquisa de campo os estudantes já tivessem participado de aulas com abordagem sobre paisagem.

A comunidade do Igarapé da Fortaleza (Figura 1) situa-se no limite dos municípios de Macapá e Santana, é cortada por um rio que também tem nome de Igarapé da Fortaleza e é afluente do Rio Amazonas. Densamente povoada, contém uma área portuária e parte significativa dos seus moradores vieram de ilhas do interior do Amapá e do Pará, guardando em sua origem um modo de vida ribeirinha.



Figura 01: Mapa de localização da área de estudo



Fonte: autoria própria

Tema presente em várias séries da educação básica, os estudos sobre a paisagem e a cidade, podem ser conteúdos que aproximam a geografia escolar do estudante, em especial de áreas urbanas. Nesse sentido a pesquisa se justifica por proporcionar um diálogo sobre a intersecção entre os conteúdos da Geografia escolar e realidade vivida pelos estudantes. Destaca-se ainda, lacunas existentes nos materiais didáticos ofertados aos professores com relação ao estudo sobre a paisagem urbana amazônica em sala de aula.

A pesquisa mostrou que a paisagem do Igarapé da Fortaleza no Município de Santana é descrita/caracterizada pelos estudantes com elementos de uma paisagem que mescla o rural e o urbano. Em suas falas, os estudantes apresentaram tanto características que remetem a forte influência do meio rural, inclusive com a manutenção de formas e hábitos ribeirinhos, como também dinâmicas próprias de núcleos urbanos.



## METODOLOGIA

A metodologia aplicada para a realização desse estudo envolveu Roda Conversa, tabulação das falas dos estudantes e a posterior construção de nuvens de palavras por semelhança com base na escala de Kernnel, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. A Roda de Conversa foi adotada como estratégia para levantar a apreensão dos estudantes sobre a paisagem do Igarapé da Fortaleza. Essa metodologia fundamenta-se nos escritos de Boyes-Watson e Pranis (2010) e foi pensada inicialmente para ser aplicada nas escolas para condução de círculos de construção de paz e para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, mas, segundo as próprias autoras, pode ser aplicada em diferentes contextos.

A metodologia da Roda de Conversa consiste no ambiente organizado com as cadeiras dispostas em formato circular (figura 2). O pesquisador/facilitador da roda faz uma pergunta e em seguida é oportunizado que cada participantes responda a problematização. Trata-se um processo em que todos e todas estão localizados no ambiente em posições que se enxegam mutuamente e que irão ouvir e serem ouvidos nas mesmas condições. É um momento de dialogo democrático, inclusivo e de valorização dos saberes dos sujeitos sobre o tema discutido, visto que todas as falas são consideradas importantes. A possibildiade de uma prática mais horizontal que valorizasse a participação e os conhecimentos prévios dos estudantes foi o motivo de adotar essa metodologia para esse estudo.



Figura 2: Ambiente organizado para a roda de conversa



Fonte: autoria própria, 2022

Para a sistematização e análise das respostas dos estudantes emitidas nas rodas de conversas utilizou-se como estratégia aglutina-las por semelhança e posteriormente foram construídas nuvens de palavras que apresentam todos os termos mencionados. Como metodologia de construção das nuvens foram realizados os seguintes procedimentos: contagem da frequência de uma resposta; escolha do tamanho da fonte diretamente proporcional a frequência de ocorrência de uma resposta; escolha de uma cor, baseando-se na escala de Kernel, com o verde para as respostas menos frequentes e o vermelho para as mais frequentes, como demonstra a figura 3.

Figura 3: Cores utilizadas para a construção das nuvens de palavras

R192 G 0 B 0		<p><b>MAIS FREQUENTE</b></p>   <p><b>MENOS FREQUENTE</b></p>
R198 G 88 B 6		
R 255 G 192 B 0		
R 34 G 212 B 38		
R102 G 153 B 0		
R15 G 93 B 11		

Fonte: autoria própria, 2023

A pesquisa documental teve como objetivo identificar a partir da leitura de documentos como Referencial Curricular Amapaense (AMAPÁ, 2021) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) como a discussão sobre paisagem aparece no currículo.

A aplicação de questionário diagnóstico com os estudantes ocorreu em dois momentos, sendo antes e após a realização das rodas conversas, com objeto de registrar o conhecimento que os estudantes apresentavam nos dois momentos sobre o tema; além disso foi solicitado aos estudantes que produzissem desenhos que retratassem a paisagem do Igarapé da Fortaleza nos dois momentos. O projeto em pesquisa foi submetido a análise do Comitê de Ética da Universidade Federal do Amapá, sendo aprovado em 16 de agosto de 2022, com Número do Parecer: 5.586.093.

## REFERENCIAL TEÓRICO



A ciência geográfica e o conceito de paisagem estão entrelaçados desde sua gênese. Na Grécia antiga a leitura e a descrição da paisagem eram o próprio conceito de geografia. No séc. I Estrabão, apresenta a Geografia como uma forma de olhar e compreender o mundo através do estudo da diversidade de paisagens expressadas pelas diferentes culturas. No séc II Ptolomeu traz a compreensão de paisagem a partir do estudo das forma, fenômenos e relações da Terra com o Universo. Esse entendimento da Geografia a partir da descrição de paisagens, seja de elementos antrópicos; ou do meio físico, perdurou até o século XVII quando Varenius, no contexto criado pelas grandes navegações, de conhecimento de novos territórios e povos, une os entendimentos de Estrabão e Ptolomeu, e cria assim uma forma mais ampla de se compreender a paisagem. É apenas no séculos XVIII e XIX que Geografia e Paisagem começam a se diferenciarem como ciência e categoria, e assim com definições conceituais distintas (MOREIRA, 2014, p. 14-15). A partir de então diversas correntes surgiram a fim de conceituar a categoria paisagem.

É importante ressaltar, que nesse contexto a Paisagem avança para além dos estudos geográficos, constituindo um tema amplo e com várias interpretações. Suertegaray (2019, p.160) afirma que os variados conceitos de paisagem derivam, a partir deste período, de duas fontes: renascimento italiano que entende a paisagem de forma exterior ao homem; e alemão, influenciado pelo movimento naturalista, que entende a paisagem a partir de um contexto holístico. Nessa mesma obra a autora descreve rapidamente o conceito de paisagem a partir de diferentes áreas do conhecimento.

No Brasil, Milton Santos, apresenta também sua conceituação de paisagem. Para ele “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2002). Para Santos a paisagem é constituída de elementos do presente e do passado, que coexistem no momento atual. A compreensão que se tem a partir do conceito elaborado por Santos, é que para ele, a paisagem representa os elementos do espaço geográfico que podem ser percebidos, sobretudo através da visão, mas não só, por um indivíduo.

O geógrafo Ruy Moreira, traz também sua concepção de paisagem

- 1) O primeiro contato com o mundo circundante nos é dado pela paisagem, que é o nível do aqui-agora da experiência sensível cotidiana.
- 2) A observação atenta das formas mostra que a paisagem é uma coleção de objetos singulares dispostos numa dada extensão, na qual cada um ocupa um lugar distinto,

essa localização formando uma distribuição em que cada objeto se separa do outro segundo uma dada distância ao tempo em que o todo se combina em níveis de escala que faz do conjunto um só arranjo paisagístico (MOREIRA, 2014, p. 182).

A partir do exposto pelo autor, podemos supor que para ele a paisagem é o que podemos compreender pela nossa sensibilidade da realidade que nos cerca, formada por um conjunto de elementos surgidos ao longo do tempo. Com isso, a leitura da paisagem se dá pelo que se vê e pelo que não se vê, sendo que só o fato de ver (ou não) um elemento da paisagem já é uma leitura carregada de significados.

Douglas Santos (2018), no artigo intitulado “De volta às discussões sobre o significado de paisagem e outras avanços” afirma que existem diferentes explicações para o conceito de paisagem entre os próprios geógrafos e também e que na sua compreensão a a paisagem trata-se de,

[...] um movimento na construção do conhecimento [...] Em outras palavras, paisagem não é o fenomênico na sua pura externalidade em relação ao sujeito, mas a forma pela qual a externalidade se torna “coisa para o sujeito” ou “objeto”, ou, ainda, e com o sentido de complementar o embate, trata-se de uma “categoria do método” e não uma “categoria do fenomênico”. Quando tratamos da paisagem, há de se considerar uma evidente relação entre a presença do sujeito e as formas pelas quais ele percebe o mundo. Nesse sentido, a ideia de paisagem é absolutamente imprescindível. Contudo, os tempos dos elementos que dão materialidade à paisagem podem não ser os tempos do sujeito (SANTOS, 2018, p. 47).

De modo que para o autor, a forma como os indivíduos percebem e dão significados aos objetos constituintes da paisagem é intrínseca a cada indivíduo. Na presente pesquisa entende-se o conceito de paisagem como a apreensão dos elementos que compõem o espaço geográfico, suas formas, sons, cheiros, cores, e que está diretamente relacionada a um contexto sociocultural. Nesse sentido, paisagem aparece mais como uma categoria do método do que uma externalidade pura do fenômeno.

Cabe esclarecer que a geografia escolar e a geografia acadêmica possuem trajetórias próprias, o que também é acompanhado pelos diálogos acerca das categorias, incluindo a paisagem. A geografia dialogada na Educação Básica não deve ser a simplificação da Geografia Acadêmica (FILIZOLA, 2009, p. 19). Contudo, tal qual a Geografia acadêmica, ela deve ser estruturada a partir das categorias: paisagem, território, lugar, região e espaço. Cavalcanti (2019, p.121) aponta a paisagem como um conceito estruturante do pensamento geográfico que deve ser dialogado com estudantes na escola. Com isso cabem as reflexões: por que estudar a paisagem? O que importa no estudo da paisagem?

A paisagem, toda sua complexidade, elementos percebidos através de nossos sentidos nos permite compreender um conjunto diverso como unidade. Observar e analisar a paisagem, como atividade pedagógica, nos permite o desenvolvimento de habilidades como criticidade, criatividade e sensibilidade. A paisagem, nesse contexto, é entendida como uma categoria que aproxima, que pode auxiliar na compreensão das demais categorias, que procura compreender o contexto do meio físico e social, que leva a reflexão do que está posto, mas do que também não é visto e soma-se a crítica da análise: por que eu vejo como vejo?

Faz parte da análise geográfica o caminho do visível (pela paisagem) ao invisível e deste ao visível novamente, num movimento dialético da inteligência no curso do qual a paisagem – aquilo que no fundo se quer compreendido - se torna o concreto-pensado. Pela paisagem, grava-se a produção dos espaços ao longo do tempo, dando sentido ao sistema de objetos, pelas ações sociais.

Ao ser assim significado, valorado, o conjunto de formas adquire função social, constituindo-se em espaço geográfico (CAVALCANTI, 2019, p. 122).

Em síntese, o estudo da paisagem na escola deveria abarcar três aspectos: a) o visível e tudo que pode ser capturado pelos nossos sentidos; b) o invisível, constituído dos elementos que não nos chamam atenção; c) a reflexão a partir do que vejo e do que não vejo. A Geografia Escolar, tem nesse contexto, com uma das missões ampliar os modos de ver a paisagem, mais complexo e completo.

A construção e aplicação do conceito de paisagem, pelos estudantes, possibilita a eles compreenderem a própria realidade. A paisagem encontra-se no mundo tangível, é vivida e sentida pelas pessoas, constitui-se das formas que expressam o movimento da sociedade (CAVALCANTI, 2019, p. 174). Cavalcanti (2012, p. 48), apresenta uma perspectiva de que o diálogo sobre conceitos deve perpassar pelas representações sociais<sup>3</sup> dos estudantes. Utilizá-las possibilita dialogar sobre conhecimentos ainda não conscientes e não verbalizados. O conteúdo escolar relaciona-se a vida do próprio estudante.

Mas como iniciar esse diálogo? Um caminho proposto seria através da observação e reflexão sobre a paisagem.

A observação de seres ou objetos encontrados pelos alunos deve ser, assim, guiada por sua curiosidade e suas necessidades mais imediatas. Na geografia, a paisagem, como dimensão aparente da realidade, constitui uma dimensão a ser observada inicialmente. A observação direta, por exemplo, de um lugar de vivência do aluno, ou indireta, de uma paisagem representada, pode fornecer elementos importantes para a construção de conhecimentos referentes ao espaço nelas expresso. Nesse sentido, é importante que esses elementos sejam sistematizados e estudados no momento seguinte do trabalho (CAVALCANTI, 2012, p. 181).

---

<sup>3</sup> As representações sociais constituem uma forma de interpretar e compreender a realidade cotidiana. São um conjunto de elementos que se relacionam com a trajetória das pessoas. (BORGES, 2019, p. 55- 57)



Após a observação, deverá vir a descrição, onde o estudante terá a possibilidade de expressar a partir das linguagens tudo que conseguiu captar: o que viu, sentiu, ouviu, cheirou e sentiu. Posterior a essa etapa os estudantes devem ter contato com as descrições feitas pelos estudantes, identificando aspectos em comum e diferentes. Por último deve ser feita a reflexão do que foi visto (ou não) e porquê de ter sido visto. A figura 04 apresenta de forma simplificada essa sequência.

**Figura 04:** Sequência metodológica para o diálogo sobre paisagem a partir da observação



Fonte: Construído com base em Cavalcanti (2012, p. 182).

A partir dessa sequência, seria possibilitado que os estudantes participassem de forma ativa no processo de ensino-aprendizagem. Deixam de ser apenas sujeitos que recebem conhecimento e passam a ser sujeitos que constroem conhecimento a partir da observação, diálogo e crítica. É “necessário que na escola os alunos possam vivenciar seu processo de identificação, individual e em grupos, e sua constituição como seres sociais e cidadãos” (CAVALCANTI, 2019, p. 151).

Seguindo esse raciocínio de diálogo sobre a paisagem a partir do repertório dos estudantes, caminhamos por uma trajetória didática que se aproxima das ideias propagadas por Paulo Freire. Ele (FREIRE, 2000), entende a sociedade como em constante movimento e pregava que o ensino não poderia ser neutro e a “leitura de mundo”, tanto mencionada pelo autor, seria, de fato, o grande elemento para que os homens e as mulheres se tornem capazes de intervirem na sociedade em que estão inseridos.

Paulo Freire (2015), na década de 1960 concebe os chamados Círculos de Cultura, compostos por trabalhadores e um educador para dialogar assuntos de interesse dos trabalhadores. Tal proposta pedagógica apresenta um caráter democrático e libertador pois propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto.

Sobre a importância de práticas de ensino dialógicas, Freire (2000), em sua obra intitulada “Pedagogia da Autonomia”, discorre sobre a necessidade da pesquisa e do conhecimento como formas de promover a modernização do ensino (FREIRE, 2000) e da necessidade de respeitar,

validar e (esforçar-se para) compreender a realidade do aluno e o conhecimento que ele traz consigo. De acordo com esse autor a aplicação do conhecimento usando como base a realidade do aluno, seria o ponto de partida para se atingir um ensino transformador.

Freire (1995, p. 74) nos apresenta sua ideia de dialogicidade, que para ele, não seria um momento pontual ou estratégia ou instrumento de ensino usado pelo professor, mas sim uma forma de compreender e conduzir o processo educativo. Nesse contexto “o papel do educado progressista é desafiar a curiosidade ingênua do educando para, com ele, partejar a criticidade. É assim que a prática educativa se afirma como desolcutadora de verdades escondidas” (FREIRE, 1995, p. 78).

Nesse contexto, uma possibilidade didática que parece alinhar-se a ideia de uma educação emancipadora é a roda de conversa, metodologia utilizada para a coleta dos dados desta pesquisa, é, nesse contexto, uma oportunidade para o amadurecimento da democracia em sala de aula e o fortalecimento do ambiente comunitário e de um posicionamento crítico. Essa metodologia promove a participação coletiva em debates sobre um tema, nos quais os sujeitos podem dialogar, promovendo portando a construção da autonomia e criticidade dos indivíduos (NASCIMENTO; SILVA, 2009, p. 1).

Como metodologia democrática, a roda de conversa possibilita ao professor assumir um papel mais flexível: participando e coordenando a atividade ao mesmo tempo. Se constitui, portanto, uma didática que valoriza o diálogo horizontal estabelecendo uma relação dialética na formação de um conhecimento coletivo, relacionando o conhecimento empírico ao científico (BERTONCELI, 2016, p. 53).

A roda de conversa na disciplina de Geografia, por permitir ser uma dinâmica que envolve, não só questões e conteúdos compostos por conceitos geográficos, também, passa a ser um lugar e/ou um espaço de identificação, destes, com o ambiente em que estão inseridos diariamente, além de ser responsável por grande parte da sua formação moral e política. Portanto, a roda pode possibilitar essa capacidade de fala, argumento e criticidade, despertando nos estudantes o ato do posicionamento para qualquer indivíduo presente no círculo (LUVIZOTT; CASATTI, 2019, p. 3262).

Elementos presentes no processo de aplicação da metodologia Roda de Conversa, como a organização dos participantes em círculo, por exemplo, possibilita que todos se vejam e se ouçam, promovendo a construção e o compartilhamento de conhecimento a partir de um



exercício prático de dialogicidade horizontal e não hierárquico. A todas as falas é dada a mesma importância.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As rodas de conversa forneceram importantes indicativos de como a paisagem é apreendida pelos estudantes.

Pergunta	Nuvem de palavras
1 A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?	<p>Bancas de camarão e peixe Multas árvores</p> <p><b>Lugar tranquilo</b> Escola Militar</p> <p>Uma paisagem renovada Lugar perigoso Rio Lugar movimentado</p> <p><b>Rampa</b> Paisagem bonita</p> <p>Rampa Comércio Arena Paisagem natural</p> <p><b>Batedeiras de açaí</b> Ponte de concreto</p> <p>Pontes de madeira Lugar não valorizado Supermercado</p> <p>Lugar bom de conviver <b>Barcos</b> Ruas asfaltadas</p> <p>Pontes de madeira</p>
2 Quais os sons que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza?	<p>Sons da água/maré</p> <p><b>Barulho de trânsito</b> Náuticas</p> <p><b>Música alta</b> Pássaros cantando</p> <p><b>Barcos</b> Pessoas vendendo peixe e camarão Vento nas árvores</p> <p><b>Carro de som</b></p> <p>Cachorro latindo</p> <p>Tiro / briga <b>Barulho no campo</b></p>
3 Quais os cheiros que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza?	<p>Frango assado <b>Pitiú</b> Poeira</p> <p>Pão <b>Maconha/ cigarro</b> <b>Lixo</b> Peixe</p> <p><b>Combustível para os barcos</b></p> <p><b>Fumaça</b> Esgoto <b>Camarão</b> Açaí</p>

A paisagem descrita/retratada pelos estudantes que participaram da pesquisa pode-se destacar como simbiótica, única e permeada por elementos que ora retratam o urbano e ora evidenciam elementos do modo vida ribeirinha. Os estudantes da escola onde a pesquisa foi realizada, em sua maioria, são filhos dos moradores do bairro. Nesse contexto, observa-se que através das falas, escritas e das produções dos desenhos a descrição da paisagem da área feita pelos estudantes traz elementos antagônicos como: lugar tranquilo/ lugar movimentado; lugar

bom de conviver / lugar perigoso; paisagem bonita/ lugar não valorizado; barulho de trânsito / barulho de barcos; sons da maré, vento, pássaros/ carro de som, tiro, briga; camarão, peixe, açai / esgoto, fumaça. Além disso foi possível identificar nas falas fortes aspectos ribeirinhos como a presença de barcos, pontes de madeira e a existência de uma paisagem natural, nas palavras dos estudantes.

Com base nisso identifica-se que existem aspectos específicos que segundo os estudantes caracterizam a paisagem do Igarapé da Fortaleza a partir de espaço urbano que carrega em si também uma identidade ribeirinha. Nesses termos, observa-se que a leitura da paisagem do bairro possibilitou um sentido de localização pelo entendimento do significado relacional dos objetos que tem um sentido, portanto, uma forma desses sujeitos se perceberem no interior do processo e de como se movimenta dentro dele a partir de identidade que transita entre a urbana e a ribeirinha.

No momento inicial as respostas da maioria dos estudantes estavam ligadas ao belo, aspectos do meio físico e ao aspecto visual. Em nenhuma das respostas outros aspectos da paisagem foram considerados. Essa ideia de paisagem também esteve presente quando perguntamos “A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?” todas as respostas foram relacionadas à aspectos visuais e a expressão “paisagem bonita” foi a mais recorrente nas respostas.

Pelas respostas observa-se que os estudantes já possuíam um conceito empírico do que era paisagem, mesmo que incompleto. Dessa forma os estudantes apresentaram de forma predominante, uma compreensão de paisagem limitada ao campo visual, descrevendo elementos que eles veem. Não esteve presente na conceituação dos estudantes uma compreensão de paisagem que compreende os elementos como marcas das relações e dinâmicas sociais. Moreira (2014, p. 35) aponta que essa leitura fragmentada provoca a perda de significado do que se vê, para o autor o próprio fato de identificar (ou não) elementos da realidade já é por si só carregado de significado.

Do ponto de vista do conceito geográfico de paisagem, tal descrição que favorece o visto a partir do campo visual, geralmente leva em consideração locais cujos atributos são mais perceptíveis, sejam pela sua beleza ou frequência observados pelos estudantes. Nas palavras de Cavalcanti (2013, p. 100) é como se para os estudantes a paisagem fosse “uma estampa de um lugar bonito”. Nessa visão, a paisagem descrita é resultado da manifestação aparente dos

elementos indicados, não há uma leitura que busque entender as relações/dinâmicas que permeiam a formação dessas paisagens, não se explora a essência.

Por fim ao analisar a atividade diagnóstica realizada após as rodas de conversa, percebemos uma mudança na forma como os estudantes compreendiam o conceito de paisagem. Uma boa parte dos estudantes conseguiu avançar em relação ao que podemos ler da paisagem. Superaram a ideia fragmentada de ser apenas a descrição dos aspectos visuais e incluíram também a ideia de sons, cheiros e tudo que pode ser sentido. Um dos estudantes apontou a imaginação como uma estratégia de compreensão da paisagem; um outro a ideia de cotidiano vinculado a ideia de paisagem; e um relacionando a crítica a descrição que deve ser feita da paisagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dialogar em sala de aula sobre as categorias basilares da Geografia é parte do processo de aprendizagem, porém, entende-se que o objetivo maior está em proporcionar ao estudante a construção do pensamento crítico e significativo tendo as categorias como método de ensino/aprendizagem. Desse modo, acredita-se que o foco da Geografia escolar não está no ensino de paisagem, mas sim no ensino a partir desse conceito, ou seja, a paisagem funciona como um recurso intelectual capaz de mediar o conhecimento a partir de seus conteúdos.

O trabalho tratou de compreender como estudantes da educação básica apreendem a paisagem do Igarapé da Fortaleza no município de Santana – Amapá se utilizando da roda de conversa como principal metodologia para levantar essas informações. Nesse sentido as rodas de conversa na pesquisa em questão mostraram a existência de uma paisagem e dinâmica próprias dessa área limite entre Macapá e Santana e conta com a presença de um rio importante para os fluxos de pessoas e mercadorias que ocorrem na região. Ao mesmo tempo que situa-se em perímetro urbano, apresenta também marcas da paisagem ribeirinha amazônica.

A fala dos estudantes, muitas vezes, apresenta uma ideia de distanciamento geográfico dos centros das duas cidades. Ao mesmo tempo eles demonstraram preocuparem-se com problemas comuns aos centros urbanos que também estão presentes na área de estudo, como a violência, falta de emprego, descaso das autoridades com os serviços públicos,



Por fim, destaca-se que o uso da roda de conversa é, nesse contexto, uma oportunidade para o amadurecimento da democracia em sala de aula e também para propiciar o fortalecimento do ambiente comunitário e de um posicionamento crítico. Nesse sentido cabe ressaltar a importância do componente curricular Geografia, que possui como objeto de estudo o espaço geográfico e assim tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento do raciocínio crítico pelos estudantes para que possa perceber e analisar a realidade que os cercam.

## REFERÊNCIAS

AMAPÁ. **Referencial Curricular Amapaense** – Ensino Médio. 2021. Disponível em <[https://padlet-uploads.storage.googleapis.com/653315751/03ff5095c11bf25b6a013a554794d9c9/RCA\\_M\\_DIO\\_PROTOCOLADO\\_NO\\_CEEAP.pdf](https://padlet-uploads.storage.googleapis.com/653315751/03ff5095c11bf25b6a013a554794d9c9/RCA_M_DIO_PROTOCOLADO_NO_CEEAP.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2022.

BERTONCELI, M. **A Roda de Conversa na Educação Infantil: análise de seus aspectos formativos com crianças de três a cinco anos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2016. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3220/5/marcia%20b.%202017.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

BOYES-WATSON, C; PRANIS, K. **No coração da esperança: guia de práticas circulares**. Tradução de Fátima de Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> . Acesso em: 11 nov. 2022.

CALLAI, H. C. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação Geográfica. In: DE MORAIS, E. M. B.; DE MORAES, L. B.(orgs.) **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: NEPEG, 2010.

CAVALCANTI, L. S. **Pensar pela geografia: ensino e relevância social**. Goiania: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CAVALCANTI, L. S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papyrus, 2012.

FILIZOLA, R. **Didática da geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MOREIRA, R. **O discurso do avesso: para a crítica da Geografia que se ensina**. São Paulo: Contexto, 2014.

NASCIMENTO, M. A. G.; SILVA, C. N. M. Rodas de conversa e oficinas temáticas: experiências metodológicas de ensino-aprendizagem em geografia. **10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281526063\\_RODAS\\_DE\\_CONVERSA\\_E\\_OFICINAS\\_TEMATICAS\\_EXPERIENCIAS\\_METODOLOGICAS\\_DE\\_ENSINO\\_APRENDIZAGEM\\_EM\\_GEOGRAFIA](https://www.researchgate.net/publication/281526063_RODAS_DE_CONVERSA_E_OFICINAS_TEMATICAS_EXPERIENCIAS_METODOLOGICAS_DE_ENSINO_APRENDIZAGEM_EM_GEOGRAFIA). Acesso em: 20 jan.2021.

SANTOS, D. De volta às discussões sobre o significado de paisagem e outras avenças. In: **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 12, n. 2, ago/2018, p. 39-52.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SUERTEGARAY, D. M. A. Epistemologia e autonomia da geografia brasileira aplicadas à análise das dinâmicas da paisagem? In: **GEOGRAFIA**, V. 44, Nº 1, jan. / jun. 2019.